

Fantasia filarmónica

*Adérito Silveira

Foi assim, nestas bailações ao toque das bandas filarmónicas que a tia “Figa Seca”, sempre apertada pela fome, conheceu o seu “Jaquim Mio”, ainda mais esfaimado do que ela.

Enterrando a cabeça na mágica reconfortante da infância, deparo-me sentado no desconforto da solidão, no mesmo lugar onde outrora fora palco de vida, com brincadeiras e muita música à mistura.

- Foi nesse largo – dizia nostálgico o Chaleco apontando para o lugar. – Foi ali mesmo que eu conheci a minha Zulmira...dancei com ela embalado pelo toque dos músicos de Mateus. De voz embargada continuava: - eles tocavam tão bem que era difícil sair da dança...

Foi assim, nestas bailações ao toque das bandas que a tia “Figa Seca”, sempre apertada pela fome, conheceu o seu “Jaquim Mio”, ainda mais esfaimado do que ela. No desempenho de uma das bandas, na chegada de uma festa, eles esperavam a oportunidade para se tocarem e se declararem apaixonados, empurrados pela força das modinhas rodopiantes e embriagadas... sentindo-se apertada, a rapariga protestava mas sem convicção, pois de repente fingia tropeçar para cair desamparada nos braços do Mio.

As músicas sucediam-se umas nas outras, sem sossego, ora frenéticas, ora com melodias sentimentais. Os pares dançavam mais afoitos, ou não, segundo as preferências pelos músicos da sua banda não dando parança aos corpos, que suavam em franco desassossego. Saracoteavam-se desaustinadamente, levantando abundante pó, e dançavam trocando irreprimíveis emoções, por vezes, até, despudoradamente...

Na macieza consoladora desse tempo no largo da minha infância, revejo-me nos sonhos vagueantes sem limites nem obstáculos, mas possuído de fantasias de um tempo de menino, onde se era livre sem o perigo dos carros, e a música, era uma espécie de toque a clarim, onde se reuniam as pessoas saboreando o prazer de ouvirem tocar os instrumentos; a música constituía uma aprendizagem quase que obrigatória na terra, sempre muito apreciada pelas meninas que se gabavam de ter como namorado um músico da banda.

Para realçar a importância da aprendizagem musical, o alfaiate António Pinto discorria quando alguém passava e assobiava em frente do seu “baixo”:

- Este não é de Mateus - dizia categoricamente. Acertava em cheio, pois o homem desafiava no seu assobio ao mesmo tempo que se dirigia para o cimo da Raia. Não escolhendo a ocasião, o mesmo alfaiate atirava por vezes com o rifão: “de quem não canta nem assobia, desconfia”. Não admirava pois que para alguns clientes que não podiam pagar a obra a pronto, ele nunca duvidasse do freguês quando era músico...o contrário era o cabo dos trabalhos.

No largo, a canalha, sem pressa, recriava-se em jogos, porque o tempo corria devagar e seguro. A tia Olímpia Choicha, com pingo de voz esganiçado berrava para o largo:

- Ó Fernaaaando, anda comer o caldo!

Apressado, o Fernando (Palila), vai para casa porque adivinha pelo tom de voz da mãe que há mais alguma coisa para além do estafado caldo de todos os dias. O Palila, a correr, lambia já a língua de satisfação, pois sabia que havia “pita” à ceia, a mesma “pita” esganada por ele mesmo na noite anterior, dizendo lá em casa que tinha sido um cão o causador de tão assassino acto.

Os carros, esses conheciam-se pelo roncar: de tão devagar que andavam, chegavam sempre depois das brincadeiras e dos apetites devoradores com que se rilhavam as maçãs verdinhas, algumas roubadas ao Conde de Mateus...

No refastelamento deitado na estrada, em noites de Verão, ainda com o alcatrão a queimar do calor tórrido dos dias, brincava-se com o contar de histórias e aprendia-se ouvindo-as. Enquanto estas decorriam, o silêncio imperava e os olhos e os ouvidos quedavam-se. Depois...bem, depois vinha o tal jogo em que se punha à prova a memória dos rapazes: quem era capaz de trautear uma qualquer peça das bandas da terra sem perder qualquer fio de melodia? Havia sempre um herói que no seu cantar não esquecia pitada de nota, nem sequer a parte da “*pancadaria*”...

O Manel Bichandeia, esse em vez de cantar, assobiava, e nesse vaidoso trinado não lhe escapava nada, incluindo as partes de percussão, batucadas com o bater dos seus reforçados socos, decorados com ameaçadoras *tachas* nos lados e por baixo, o que conferiam estranhos e espectaculares sons. Quando acabava a sua prestação, em jeito de odisseia dizia quase que invariavelmente: “faltam-me cinco tostões para um mata-bicho”. Continuava: “o ti Zé cigano ainda não me pagou umas tardes da semana passada”... insistia:”...tenho aqui umas côdeas...com um copito era o meu jantar”!

Hoje, como que envergonhado, lá está o largo, agora mais pequeno, num espaço estrangulado e dividido. Desse largo, resta um cantinho bem

aconchegado na sua pequenez. Estrategicamente seguro e com um campo visual que faz lembrar o agitado burburinho de gente, que outrora era possuída de caprichos, sonhos e fantasias. A malha, o pião, a mosca, as caricas, as bandeiras, a cabra cega o echo, o cantar das modinhas das duas bandas de música, eram jogos que indiferentemente do sexo ou classe social todos participavam.

Agora, pouco mais resta que o “Café Snack Bar Palácio”, de onde se vislumbra a criação esculpida desse tempo, em que as mentes funcionavam como uma máquina de engrenagem perfeita: havia vida e alegria, dívidas e a vontade de as pagar...

Esse café, é hoje um espaço agradável, servido diligentemente pela sua proprietária (Dona Fernanda), solícita e simpática, senhora afável e de bom trato. Quanto ao serviço de Snack, recomenda-se pela qualidade e preços convidativos.

Em tempos havia uma rua que se via do largo. Essa rua desapareceu...as casas eram feitas de buracos de pobreza, e no Inverno, sentia-se o medo das ventanias. No entanto, esse medo era o diapasão que dava a conhecer cada ruído, cada vibração denunciando essas vetustas estruturas de construção. Esses silvos de vento e pingos de chuva eram sinais da natureza, inspiradores nas crianças que se tornavam músicos. Os gemidos e os choros do vento, a linguagem da chuva, eram, ao mesmo tempo, sinais que protegiam o aconchego da roupa, que nos seus bocados, cobriam a nudez dos corpos. Respeitava-se a Natureza porque se vivia no meio dela. Outrora, o ribeiro, corria cheio e embriagado, perfumado com os ares dos Fundegos e a sua água era pura, abundante e fria – cantava, incessante, enquanto corria. Esse riacho, no seu fugir apressado, foi para alguns músicos filarmónicos a fonte corrente de inspiração...Meu Deus, como havia tanta sensibilidade e tanto coração!

Sentado na esplanada do café e recolhido na purpurina das ideias, sinto o emergir de episódios que espalham dentro de mim girândolas gotejantes de reflexões frescas como se vividas hoje...era Primavera e a tepidez do ar convidavam a conversas e devaneios entre as pessoas.

Nos tanques de Mateus a ti Maria *Calçada*, naquele começo de noite tinha usado palavras cheias de sentido para o músico *Miguel* Martins e enquanto trocava com ele algumas ideias olhava contemplativa a lua misteriosa. Surpreendido, Miguel Martins questiona-a:

- Tu que tens mulher, *tás* com um ar tão estranho? Pareces a Rainha Santa Isabel...só te faltam as flores no avental. - Responde-lhe a *Calçada* ainda meditativa: - O meu Acácio quando chegou a casa tocou para mim uma música no saxofone e pôs-me neste bonito estado!

- Mas o teu Acácio não é lá grande músico – atacou Miguel Martins afilando-se na língua.

A Calçada, numa postura de levitação e num circuito de palavras, diz-lhe que o seu homem sabe tocar para ela e que isso é quanto basta, ao mesmo tempo que se declina perante o bom músico e o homem de carácter que tem pela frente. Na verdade Miguel Martins é uma referência maior no conjunto de todos os músicos que passaram por Mateus...

Em noites de Lua Cheia, este cenário, farto de encanto, era abençoado pelo uivar cantante dos lobos, que virados para o redondo da Lua, delimitavam o seu território e faziam acordar a Santa Sofia que morava lá em cima na capela. Já de manhã, bem cedo, ouviam-se os primeiros sons marciais, em suaves deslizes, soltos e desafiadores, despertando a população do sono letárgico.

O clarinete estrídulo do Chico Sapateiro, a requinta irrequieta do ti Aníbal Martins, o bombardino aveludado do Furão, as trompinhas de “*Nossa Senhora*” do ti Eugénio e do Armando Zarelho, os insinuantes saxofones do Valter e do Joaquim do Raul, os regougados contrabaixos do ti António Miguéis e do Zé da Burra, os pratos e bombos do Zé Gago e do Chaleco, os assobios dobrados do Bichandeia, desafiavam-se, soltando-se sons animados em menu sempre apetitoso e contagiante.

Coabitando com a música, no largo da Freguesia de Mateus, as crianças brincavam distraídas e eram felizes nas surpreendentes cascatas de sons que ouviam a cada momento. Muitas vezes, esses sons dolentes que das casas saíam, traduziam carências nos estômagos normalmente vazios e que só a música fazia ultrapassar na sua terapia e no seu simbolismo.

Outras vezes, esse modo de tocar, desenhava sinais de amores e paixões explícitas, que as palavras não conseguiam traduzir...

A música, ainda é vista como a arte espiritual para a maioria dos habitantes de Mateus e, ela continua a ter uma importância maior no conjunto das várias aprendizagens. Muitos dos filarmónicos, estão hoje espalhados um pouco por todo o país, e, a maioria não renega as suas origens nem a importância que a música tem no desenvolvimento das sociedades e na formação cívica e inalienável dos jovens.

Hoje, sentado na esplanada do café, no Largo de Mateus, olho para trás no tempo, e de repente consigo ouvir alguns gemidos de corneta tocada pelo *Manel Jeirinhas*. Esses estilhaços estrepitosos, para ele eram reveladores dos seus sentimentos atrofiados e das suas angústias e conflitos. Deliciado no aroma da bebida do café, vejo ainda aquela corneta, e aquele jeito de tocar retorcido. Virado altivo para os lados de Tojais, onde estaria a sua “moira encantada”, o Jeirinhas insinuava-se no seu jeito de tocar, procurando levar os seus sentimentos aos ouvidos de uma moçoila a quem um dia antes tinha feito uma serenata, acompanhado pelo latir de um cão rafeiro, pequeno e irrequieto que admirado pelo que estava a ouvir se lhe agarra afoito às pernas afincando-lhe os dentes sem contemplanções.

O Jeirinhas, naquela dor física e sentimental, pela recusa da moça que não lhe abriu a janela, desliza rápido pelos montes, comentando ironicamente:

- Afinal o cão não gosta de música!

Já em Mateus, com a dor estampada no rosto, e num andar estropiado, desculpa-se perante uns amigos que o aguardam a quererem saber o resultado da serenata. Muito a custo revela-se: - A casa dela estava a ser guardada por um cão que mais parecia um lobo!

Não perdendo tempo, o *Tonho Estriga* puxando pelo seu erudito vocabulário provoca-o exuberante: - Sabes que as meninas de agora não gostam nada de ruídos de fanfarra, o que elas querem é modinhas que as façam despertar para o insondável mundo do amor? ...

O Jeirinhas, reflecte no fascínio das palavras escutadas e responde-lhe com o toque guinchado do seu instrumento, acalmando-se de uma inquietação estranha e doída.

*adérito.silveira@hotmail.com